

[Redacted]

CAPÍTULO 7

CASO SANTA ISABEL

1999

- MULHER SEM ROSTO

O ARQUIVO X DE SANTA ISABEL -



“Restringir nossa atenção aos assuntos terrestres seria limitar o espírito humano.”

Stephen Hawking

Final de tarde do dia 25 de junho de 1999, estava em casa tranquilamente cuidando de meus afazeres quando fui surpreendido pelo telefonema de alguém que me solicitava do outro lado da linha, que ligasse meu aparelho de TV e sintonizasse na Rede Record de Televisão, mais especificamente em um programa policial denominado *Brasil Urgente*, do apresentador José Luiz Datena. Quase cai da cadeira quando vi que se tratava de outro caso de mutilação humana, sendo retratado em plena TV aberta e naquele horário! Naturalmente que o programa censurou as imagens, mas a narrativa sempre apelativa descrevia em detalhes, como a vítima se encontrava, pormenorizando de maneira sensacionalista cada nuance do caso.

Segundo ele, uma senhora havia morrido de falência dos órgãos, ou seja, por idade avançada. Já vinha doente há algumas semanas e também não era surpresa que estava à beira da morte. Sua nora a acompanhava naquele dia. O problema era que quando o filho dela chegou e que já sabia de sua morte, ficou horrorizado ao verificar que a caveira de sua mãe estava totalmente à mostra, estava apenas o esqueleto no rosto. Seu nariz, seus olhos, uma orelha e sua língua haviam desaparecido.

Confesso que, na época, fiquei chocado com a notícia, mesmo não tendo nenhuma similaridade imediata, recordei do *Caso Pedro de Toledo* e apesar de meu interesse em pesquisar aquela história insólita, resolvi deixar para depois, pois meu trabalho na época não me permitia viagens repentinas. Naturalmente, fui atrás de maiores informações e soube que outros pesquisadores também se interessaram pelo fato. Para ser mais específico, duas pesquisadoras, Encarnación Zapata Garcia e Rosely Vaz Lima estiveram realizando investigações logo em seguida. Posteriormente, soube que o pesquisador Rodolfo Heltai havia se interessado pelo caso e também esteve investigando naquela região. Fiquei tranquilo, pois percebi que o caso estava em mãos competentes. Narrarei esse episódio mesclando as informações colhidas pelas duas pesquisadoras, gentilmente cedidas para este livro, mais às que encontrei, quando também fui à região, acompanhado de Fábio Avolio.

Elas estiveram no local no dia 27 de junho, três dias depois do ocorrido. Não puderam esquecer porque nesse mesmo dia, por conta da euforia da pesquisa, a Rosely recebeu uma multa que lhe custou mais de R\$ 500 (quinhentos reais) na época⁹⁵. Lá chegando, conheceram o dono de um mercadinho e açougue que fica bem próximo ao local do incidente. O proprietário, mais conhecido por Paulão, era engenheiro, mas resolveu montar seu próprio negócio, que nada tinha a ver com sua formação, e viver naquela região. Conclui-se que ele queria fugir da cidade grande, pois também adquiriu por ali uma chácara, contendo uma casa de tijolos à vista e que ficava próximo de seu estabelecimento comercial. Como é um homem culto e esclarecido é considerado por todos da região como “a pessoa que todos podem contar”.

No bairro de Itapeti, em Santa Isabel próximo a São Paulo, na residência do incidente moravam a senhora Alzira Maria de Jesus de 70 anos, seu filho Manoel Edvaldo da Silva, sua nora Sônia Aparecida da Rocha, de 25 anos, e sua neta, de 10 anos. Alzira tinha nascido em Campos Sales, no interior do Ceará e agora se encontrava muito doente. No dia anterior a tragédia, a nora preocupada, disse para seu marido que a mãe dele não se sentia bem e que seria melhor levá-la a um médico. Manoel concordou e lhe disse que no dia seguinte sairia mais cedo do trabalho para fazer isso. Na época, ele tinha uma banca de jornais e revistas, localizada em uma das entradas da Via Dutra que permitia acesso para Guarulhos. Na manhã seguinte, ele foi trabalhar bem cedo.

Cerca de 8h10min da manhã, Sonia foi levar o café da manhã para sua sogra e encontrou-a morta, pois não se mexia e estava gelada⁹⁶. Não tendo alternativa, apanhou sua filha, trancou a casa e dirigiu-se até um estabelecimento comercial para usar um orelhão⁹⁷, onde avisou seu marido que a mãe dele havia falecido. Paulão, que se encontrava naquele momento na mercearia e ainda não sabia do falecimento, estranhou o fato dela passar em frente e ir diretamente ao orelhão sem cumprimentá-lo ou solicitar seu celular para ligar. Após a ligação ouvida pelo Paulão devido à proximidade do aparelho, ela e sua filha permaneceram nas proximidades do orelhão que ficava ao lado da mercearia, esperando pelo marido e naturalmente por estar com medo de ficar sozinha na casa com o defunto. Enquanto ela aguardava, seu marido fechava a banca de revistas e preparava-se para ir embora e tomar as providências que fossem necessárias. De acordo com Paulão, ela ficou com sua filha ao lado do telefone por aproximadamente 60 minutos, tempo que levou para seu marido chegar do trabalho até sua casa. O filho da falecida chegou e encontrou sua mulher e filha ainda no orelhão. Foi buscá-las e os três passaram em frente ao estabelecimento do Paulão em direção à casa deles.

⁹⁵ 176 dólares, valores da época.

⁹⁶ Quando se está doente normalmente o corpo começa a esfriar antes mesmo de a pessoa morrer, pois o fluxo sanguíneo diminui e o corpo esfria.

⁹⁷ Lembrando que naquela época, eram poucas pessoas que possuíam telefones celulares.

Eles subiram a grande escada da entrada até a porta principal, ela destrancou a casa e deixou seu marido ir à frente, enquanto cuidava da menina, mas levou um baita susto quando o escutou gritando feito louco. Como o conhecia bem estranhou esse fato, pois ele já sabia de antemão que ela havia falecido. Por que Manoel gritava daquele jeito? Foi então que se aproximou do quarto da falecida e ao olhar para ela também deu um grito.

Todos ficaram horrorizados com aquela cena tétrica, parecendo um filme de terror. Seu rosto estava totalmente ausente aparecendo apenas sua caveira. O mais estranho é que procuraram por todo canto e não encontraram nenhum vestígio das partes retiradas. Nariz, uma das orelhas (pavilhão auricular esquerdo), pele, músculos da face e os dois globos oculares haviam desaparecido. A pele havia sido cortada com precisão cirúrgica, a caveira estava completamente limpa, não havia vestígios de sangue nela nem ao redor. Ela vestia um suéter branco e seu travesseiro também era branco. Apesar disso, tudo estava limpo, sem marcas, sem pistas. O homem saiu da casa apavorado em direção à mercearia do Paulão. Falou com ele muito afobado e com cara de terror. Paulão lhe perguntava o que tinha acontecido e o homem só conseguiu balbuciar:

– A minha mãe morreu e eu tinha que levá-la ao médico!

Ao ouvi-lo, Paulão chegou a pensar que ele estivesse com complexo de culpa por não ter dado tempo de ter levado a mãe ao médico.

Pensando isso, e querendo amenizar a situação, lhe sugeriu que apanhasse sua mãe, colocasse-a em seu fusca e quando chegassem ao médico dissesse que ela morrera no caminho.

Mas o homem balbuciou novamente:

– Foi horrível!



ALZIRA MARIA DE JESUS E NA FOTO AO LADO, O ESTADO ATERRORIZANTE EM QUE SE ENCONTRAVA.
(ARQUIVO POLICIAL NO FÓRUM DE SANTA ISABEL, SP - ARQUIVO PÚBLICO)

Foi então que o Paulão percebeu que havia algo errado. Depois de conseguir arrancar alguma coisa de como ele a encontrou, percebeu que era um caso de polícia e ligou imediatamente para o delegado.

Passado um tempo, o delegado titular Jorge Vidal Pereira (44), chegou com os policiais e foram averiguar o caso. Após levantamento inicial o delegado comentou que tinha que haver algum vestígio de sangue nela ou em sua roupa, ou mesmo na roupa de cama. Como estava tudo limpo os policiais começaram a procurar e deram uma busca em toda a casa em busca de qualquer evidência achando que iriam encontrar alguma roupa de cama suja de sangue, que estivesse escondida em algum lugar da casa. A busca foi em vão.

Em seguida, outro delegado, Helcias Nogueira Paranaguá Filho, comentou com Paulão que pelo tipo de corte perfeito encontrado na senhora Alzira, se não fosse um ser humano o responsável, teria que ser um extraterrestre. Aliás, no próprio Boletim de Ocorrência (B.O.), é possível perceber que o delegado Jorge Vidal também se recusa a acreditar que pudesse ser algum animal selvagem ou similar, quando menciona: “Esta autoridade observou que a vítima encontrava-se decúbito dorsal trajando camiseta branca e não consta qualquer vestígio de sujeira de tecido humano ou de sangue bem como restos de carne humana próximo ao corpo, ensejando assim que a violência ao cadáver tivesse sido provocada por animal”. E mais adiante reforça: “Esta autoridade constatou que na porta da cozinha do imóvel existe uma pequena fenda por onde pode entrar um pequeno animal, contudo não daria para provocar o dano no rosto da vítima como provocou sem deixar vestígios”.

O corpo da senhora Alzira foi despachado pelos dois delegados e enviado para o IML e a família acabou ficando um longo tempo em casa de parentes. Os vizinhos é que estavam alimentando os dois cães pertencentes à família. Eles chegaram a argumentar por um bom tempo, em vender a casa, pois não pensavam mais em voltar para ela.

Quanto à hora da morte, Paulão, que teve constante contato com os policiais, disse que teria ocorrido entre 2h10min e 2h15min daquela madrugada. Percebam que o laudo necropsial não menciona o horário de morte, portanto, apenas um dos delegados, ou algum policial envolvido, poderiam ter passado essa informação ao Paulão. Outro fato que chamou a atenção de todos foi que após a perícia o corpo foi imediatamente enterrado sem haver o tradicional velório. Havia um cemitério ao lado do IML e foi ali mesmo que ela foi enterrada. Imaginamos que isso ocorreu por conta de seu estado. Imaginem uma senhora que morreu apenas de pneumonia estar em um velório dentro de um caixão lacrado, que tipos de questionamentos não haveriam? Não bastasse a imprensa em cima deles com perguntas escabrosas que não estavam preparados para responder. Ou estaria ela também no necrotério especial do Hospital de Campinas?



SEU ROSTO HAVIA SUMIDO, MÚSCULOS DA FACE, BEM COMO A LÍNGUA, NARIZ, A ORELHA ESQUERDA E SEUS DOIS OLHOS. ESQUELETO, TRAVESSEIRO E ROUPAS DE CAMA, DE CORES CLARAS, ESTRANHAMENTE LIMPAS.
(FOTO DA NECRÓPSIA JÁ NO IML - ARQUIVO POLICIAL NO FÓRUM DE SANTA ISABEL, SP - ARQUIVO PÚBLICO)

Paulão afirmou que naquela mesma madrugada seu cão começou a uivar desde a 1h até cerca de 8h30min da manhã. Alzira faleceu às 2h10min e foi encontrada morta naturalmente às 8h10min. Logo pela manhã, Paulão teria se encontrado com um vizinho que reclamava de seus cães uivarem sem parar no mesmo intervalo de tempo dos seus. Até então Paulão e os demais pensaram que o motivo daquele estranho comportamento era causado por alguma cadela no cio. Em seguida encontraram com outro vizinho, um descendente de japonês que criava gansos. Ele também reclamou que seus gansos gritaram a noite inteira sem parar e também no mesmo intervalo de tempo dos demais. O que incomoda animais de espécies diferentes a ponto de agirem dessa forma? Sons de alta frequência.

Assim que a nora foi ligar para o marido o fenômeno, fosse o que fosse, teve exatos 20 minutos para executar o serviço, porque todos os animais se calaram às 8h30min. Curioso observar que se levarmos em consideração o ruído dos animais para concluir que o fenômeno que assolou, a vítima estava presente durante todo esse tempo, significa que “eles” estavam presentes ou na expectativa desde a 1h (horário que os animais começaram a latir e a gritar). A senhora Alzira faleceu aproximadamente às 2h, significando que o que fosse tal fenômeno, estaria presente de alguma forma ao lado dela, por pelo menos uma hora antes de seu falecimento. Como bem alertou a pesquisadora Rosely em suas especulações, o fenômeno sabia que ela morreria, daí a estavam aguardando, ou poderiam ter apressado seu falecimento.

A polícia, pressionada pela população e pela imprensa, acabou sugerindo a hipótese de crime por parte da nora. Essa hipótese gerou um problema maior envolvendo o relacionamento do casal e depois de muita intriga entre eles, acabou havendo uma separação que durou pelo menos dois anos. Aqui levanto os seguintes questionamentos: como uma pessoa simples, sem instrução, por conseguinte sem habilidade e conhecimento para realizar uma operação daquele tipo, poderia tê-lo feito? E mesmo que o fizesse como teria conseguido fazê-lo sem deixar vestígios de sangue nas regiões mutiladas? E como a polícia não encontrou nenhuma das partes extraídas da vítima? E a menina de apenas 10 anos não viu nada? Hipótese totalmente infundada.

Como já disse anteriormente, nenhuma polícia civil está preparada ou tem formação adequada para elucidar esse tipo de situação inusitada envolvendo mutilações desse *naípe*. A falta de pistas “normais”, das quais os peritos estão acostumados a encontrar em crimes realizados por humanos, dificulta a conclusão desse tipo de caso, provocando muitas vezes situações desconcertantes e até desnecessárias por pressão social na cobrança de que “alguém” tem que ser o culpado. Alguém realmente foi culpado pela mutilação dela, o problema é que esse alguém pode fazer isso a hora que quiser e onde bem entender e não descobriremos nada a não ser levantar hipóteses e especulações. Penso que o delegado do caso, Helcias Nogueira Paranaguá Filho, tenha sido o único sensato a imaginar após observar o cadáver que o responsável pela situação era “fora

do normal". Sempre insistiu em seus depoimentos de que ela tinha sido vítima de algo bizarro, algo fora do comum. Ele pode ter se precipitado em sua declaração à imprensa afirmando serem extraterrestres, mas sua hipótese é plausível quando analisamos todas as variáveis do caso, descobertas pelo Paulão e levantadas pelas duas pesquisadoras paulistanas. Pena que a polícia não considere essas variantes.

Para deixar a história ainda mais bizarra, 15 dias antes do ocorrido, ou seja, por volta do dia 9 daquele mês, a dois quilômetros do local da mutilação da senhora Alzira, mora uma senhora que é costureira, parente de um vizinho do Paulão, e ela costurava até tarde quando por volta das 23h, escutou seu cão "salsicha" chorar, pensou com seus botões que se tratava de maus tratos por parte de outro cão maior e mais velho, que também lhe pertencia. Quando ia verificar, de súbito, percebeu o silêncio novamente e assim desistiu da empreitada, resolvendo dormir em seguida. No dia seguinte, pela manhã, quando abriu a porta da cozinha, como fazia todos os dias, para oferecer o café da manhã para seus cães, encontrou o cachorrinho "salsicha" morto e com a cabeça decepada. A cabeça tinha sido perfeitamente seccionada.

Dois anos se passaram e, no dia 30 de janeiro de 2002, resolvi ir a São Paulo para finalmente pesquisar o caso. Pernoitei na residência do pesquisador Fábio Avolio. Após telefonar para Encarnación, e colocá-la a par de nossas intenções, planejamos nossos passos para o próximo dia. Pretendíamos falar com o delegado da cidade, familiares, testemunhas e obter, se possível, fotografias e a cópia da B.O. do caso. Encarnación adiantou-nos, porém, que seria difícil visto que ela já havia ido ao lugar por duas vezes e realizado vários telefonemas para o delegado titular do local e que não deveríamos esperar nenhum tipo de colaboração. Adiantou também que deveríamos procurar o comerciante local de nome Paulão que poderia nos dar alguma informação interessante. Avisou-nos ainda sobre a dificuldade de encontrarmos os moradores, pois estes haviam se separado. Possivelmente apenas a nora estaria presente. Esta afirmação influenciou o comportamento de Fábio Avolio como veremos mais adiante.

Às 9h30min da manhã do dia seguinte, nos dirigimos para a cidade de Santa Isabel e, como indicado pela pesquisadora Encarnación, encontramos uma estrada que permitia acesso ao bar do Paulão. Seu filho avisou-nos que Paulão se encontrava em uma residência próxima, trabalhando. Interpelado por nós, nada acrescentou ao caso afirmando que as investigações haviam se encerrado e que o casal havia retornado e viviam juntos novamente. Como não conseguimos falar com o Paulão, resolvemos ir até a casa do incidente. Chegando ao local, obtivemos algumas fotografias da residência que parecia fechada.

Depois de alguns minutos de espera e tentativas para chamar a atenção dos moradores, Sônia Aparecida da Rocha, nora da aposentada, apareceu na janela e dirigiu-se a nós. Expliquei a ela qual era nossa intenção e como esperado, Sônia recusou-se a nos dar informações, visto que, com razão, não queriam mais lembrar o ocorrido. Afirmei que compreendíamos e já nos preparávamos para nos despedir quando ela

do normal". Sempre insistiu em seus depoimentos de que ela tinha sido vítima de algo bizarro, algo fora do comum. Ele pode ter se precipitado em sua declaração à imprensa afirmando serem extraterrestres, mas sua hipótese é plausível quando analisamos todas as variáveis do caso, descobertas pelo Paulão e levantadas pelas duas pesquisadoras paulistanas. Pena que a polícia não considere essas variantes.

Para deixar a história ainda mais bizarra, 15 dias antes do ocorrido, ou seja, por volta do dia 9 daquele mês, a dois quilômetros do local da mutilação da senhora Alzira, mora uma senhora que é costureira, parente de um vizinho do Paulão, e ela costurava até tarde quando por volta das 23h, escutou seu cão "salsicha" chorar, pensou com seus botões que se tratava de maus tratos por parte de outro cão maior e mais velho, que também lhe pertencia. Quando ia verificar, de súbito, percebeu o silêncio novamente e assim desistiu da empreitada, resolvendo dormir em seguida. No dia seguinte, pela manhã, quando abriu a porta da cozinha, como fazia todos os dias, para oferecer o café da manhã para seus cães, encontrou o cachorrinho "salsicha" morto e com a cabeça decepada. A cabeça tinha sido perfeitamente seccionada.

Dois anos se passaram e, no dia 30 de janeiro de 2002, resolvi ir a São Paulo para finalmente pesquisar o caso. Pernoitei na residência do pesquisador Fábio Avolio. Após telefonar para Encarnación, e colocá-la a par de nossas intenções, planejamos nossos passos para o próximo dia. Pretendíamos falar com o delegado da cidade, familiares, testemunhas e obter, se possível, fotografias e a cópia da B.O. do caso. Encarnación adiantou-nos, porém, que seria difícil visto que ela já havia ido ao lugar por duas vezes e realizado vários telefonemas para o delegado titular do local e que não deveríamos esperar nenhum tipo de colaboração. Adiantou também que deveríamos procurar o comerciante local de nome Paulão que poderia nos dar alguma informação interessante. Avisou-nos ainda sobre a dificuldade de encontrarmos os moradores, pois estes haviam se separado. Possivelmente apenas a nora estaria presente. Esta afirmação influenciou o comportamento de Fábio Avolio como veremos mais adiante.

Às 9h30min da manhã do dia seguinte, nos dirigimos para a cidade de Santa Isabel e, como indicado pela pesquisadora Encarnación, encontramos uma estrada que permitia acesso ao bar do Paulão. Seu filho avisou-nos que Paulão se encontrava em uma residência próxima, trabalhando. Interpelado por nós, nada acrescentou ao caso afirmando que as investigações haviam se encerrado e que o casal havia retornado e viviam juntos novamente. Como não conseguimos falar com o Paulão, resolvemos ir até a casa do incidente. Chegando ao local, obtivemos algumas fotografias da residência que parecia fechada.

Depois de alguns minutos de espera e tentativas para chamar a atenção dos moradores, Sônia Aparecida da Rocha, nora da aposentada, apareceu na janela e dirigiu-se a nós. Expliquei a ela qual era nossa intenção e como esperado, Sônia recusou-se a nos dar informações, visto que, com razão, não queriam mais lembrar o ocorrido. Afirmei que compreendíamos e já nos preparávamos para nos despedir quando ela

interveio perguntando se não queríamos conversar sobre o assunto com seu marido Manoel Edvaldo da Silva, filho da vítima. Visto esse oferecimento, afirmamos que sim e aguardamos. Passados alguns momentos, Manoel desceu a longa escadaria até nossa direção. Cumprimentei-o, mas não recebi resposta. Para mim, o silêncio de meu companheiro de pesquisas, Fábio, demonstrava seu desapontamento com a falta de colaboração das pessoas envolvidas. O Sr. Manoel adiantou-se a dizer que não iria colaborar conosco e que se queríamos alguma informação deveria ser procurada na Polícia Científica de Guarulhos – na realidade ele queria dizer: Departamento Técnico do IML em Guarulhos, pois eles é que investigaram o caso na época. Agradecemos e compreensivelmente decepcionados tomamos a direção de Santa Isabel no intuito de encontrar o túmulo de D. Alzira Maria de Jesus. A situação ali era delicada, o casal tinha acabado de regressar para o casamento e aparecem dois estranhos querendo tocar no principal assunto que provocou a separação deles. O que esperar?

Seguindo com nossa pesquisa chegamos a Santa Isabel questionando alguns moradores sobre o cemitério da cidade, quando descobrimos que existiam três na região. Um público e dois privados. Pela lógica nos dirigimos ao público, mas nada encontramos. A numeração que tínhamos não batia. Esperamos que algum funcionário aparecesse para obtermos informações mais apuradas. Soubemos que no Velório da Prefeitura alguém poderia nos informar melhor. Lá também não obtivemos êxito e já estávamos saindo do local em direção a um segundo cemitério quando fomos interrompidos por uma das funcionárias que gentilmente veio até lá fora para nos lembrar que poderíamos ir direto ao Cartório Civil, onde poderíamos solicitar uma segunda via da Certidão de Óbito da falecida, o que até o momento não havíamos pensado. Adiantou-nos, porém, que devido ao horário de almoço, teríamos que aguardar mais um pouco. Cidades do interior fecham para o almoço e sextas.

Antes de almoçarmos nos dirigimos a um segundo cemitério, esse menor e privado. Conversamos com os coveiros que afirmaram não conhecer o túmulo de D. Alzira. Almoçamos em um simpático restaurante local denominado Café do Fórum, onde saboreamos uma ótima e farta comida caseira. O Café localizava-se na praça principal da cidade, ao lado do Fórum, daí seu nome.

Lá pelas 13h, agora no cartório, solicitamos uma segunda via da certidão de óbito e foi então que descobrimos que D. Alzira na realidade estava sepultada no Cemitério Campo Santo em Guarulhos e ao lado do Instituto Médico Legal (IML) daquela comarca. Com o documento também tivemos acesso aos nomes dos médicos legistas e ao motivo oficial da morte. No laudo consta que a Sra. Alzira Maria de Jesus, 69 anos, sofria de arteriosclerose, que havia morrido às 8h e a causa constava como choque séptico e pneumonia bilateral.

Uma hora depois encontramos na delegacia o delegado Sr. Helcias Nogueira Paranaguá Filho. O delegado Jorge Vidal Pereira encontrava-se de férias. Helcias nos cedeu entrevista e afirmou como no boletim de ocorrência assinado por seu colega,

que não acreditava na hipótese de ratos serem responsáveis pelo ocorrido com D. Alzira. “Nem um médico, a meu ver, faria daquele jeito, um corte tão preciso e sem nenhum vestígio de sangue e em tão pouco tempo. Não é possível que não caia uma gota, nada. Os ossos também não estavam sujos de sangue. Pra mim, até hoje, é um caso estranho”, afirmou ele.

Perguntei sobre a documentação do caso em questão e ele lamentou informar que não tinha mais acesso ao inquérito, pois, com o tempo, como já disse em outro capítulo, todos os arquivos da delegacia vão para o fórum da comarca, um tipo de arquivo morto, para não abarrotar os arquivos das delegacias. Mas acrescentou que a funcionária do fórum poderia nos permitir vistas ao documento e talvez até nos deixasse copiar alguma coisa. Agradecemos as dicas e informações do delegado que prometeu nos providenciar uma cópia do Boletim de Ocorrência do caso quando retornássemos.

Decidimos ir a pé até o fórum para no caminho conhecermos melhor aquela simpática Santa Isabel. Descemos toda a rua principal até a praça central e chegamos ao Fórum. De posse do nome da vítima e da data de falecimento conseguimos o número do protocolo dos processos do caso. A pasta total perfazia aproximadamente dez centímetros de papéis entre documentos, transferências, fotografias, boletins de ocorrência e laudos. Depois de devidamente averiguado, solicitamos cópias xerocadas de parte do material para pesquisa com a funcionária local. Deixamos claro que éramos civis e, para nosso espanto, ela deixou que copiássemos. Quando oferecemos nossa documentação para salvaguardar o retorno do material, foi que percebemos que havíamos sido confundidos com policiais “civis”. Visto que de outra forma não seria possível acesso irrestrito ao material, assentimos e nos retiramos do recinto. Primeiramente procuramos um laboratório fotográfico para que fossem confeccionadas algumas cópias do material, mas o único profissional capaz da cidade recusou-se a fazê-lo em um período tão curto. Insistimos que necessitávamos das cópias naquele mesmo dia, mas ainda levamos algum tempo para convencê-lo de nossa prioridade emergencial. Enquanto isso, fotocopiamos os documentos. Retornando ao fotógrafo, Fábio chamou-me a atenção para o fato de que faltavam nos arquivos as fotografias da necropsia.

Retornei ao Fórum para devolver os documentos originais sozinho e confesso que fiquei preocupado quando avistei Sandra, a funcionária do fórum, na porta da frente como se aguardasse ou procurasse por nós. Pelo menos esta era a impressão. Mas estava enganado. Chegando ao fórum, devolvi prontamente o material a ela e solicitei que conferisse todas as folhas. Devidamente verificadas lembrei-lhe sobre meu esquecimento, referente às fotografias da necropsia e do Boletim de Ocorrências. Nisso, ela perguntou sobre minha opinião do caso e se estaríamos comparando com algum outro caso similar. Confirmei que estávamos comparando-o (como o leitor pode confirmar agora) e sobre a *causa mortis* preferi ouvir a opinião dela. Ela acreditava que a hipótese mais provável seria a de magia negra, pois também se recusava a aceitar a hipótese de ratos, visto que as marcas e o *sui generis* não combinam. Em

seguida me entregou as fotos da necropsia e rapidamente retornei à papelaria da região onde o Fábio me aguardava para realizar mais fotocópias coloridas. Enquanto Fábio continuava no laboratório aguardando as revelações dos negativos, retornei ao Fórum e devolvi o material restante agradecendo à funcionária e para meu deleite momentâneo, ouvi um pequeno e sábio comentário final de Sandra:

– Vocês estão reabrindo o *Arquivo X* de Santa Isabel! – O que consenti com um sorriso.

Retornamos à delegacia onde o delegado já nos aguardava. Entregamos a cópia xerocada da matéria de José Teixeira, publicada na revista *89 Rock*, base para o início de nossa pesquisa. O delegado fez questão de mostrá-la a alguns colegas da delegacia, pois sua fotografia impressa na matéria, segundo sua opinião, “lembrava um diabo”. Obtivemos algumas fotografias no gabinete com o delegado e nos despedimos em seguida.

De posse dos documentos e do depoimento de um dos delegados, retornamos nosso caminho a São Paulo com a intenção de encontrar o cemitério Campo Santo na cidade de Guarulhos. Por mais que procurássemos nos informar não conseguimos achar nenhum transeunte que conhecesse o cemitério. Fábio encontrou visualmente uma funerária onde descobrimos que o nome mais conhecido do cemitério não era Campo Santo e sim Cemitério da Vila Rio, pois estava localizado naquele bairro.

Lá chegando, descobrimos que o fechamento do cemitério em Guarulhos era às 18h, portanto ainda conseguimos entrar pelos portões do lugar. Após estacionarmos o carro, subimos algumas colunas a pé e localizamos a sepultura de D. Alzira. Ambos ficamos perplexos, pois pela numeração, obviamente apresentada, nada havia no local onde deveria estar a sepultura. Retornamos à portaria e conferimos que a numeração estava correta. Voltamos ao lugar um pouco decepcionados com os parentes de D. Alzira, pois pelas percepções de ambos, confirmadas por um dos coveiros, sua família nunca havia ido ao cemitério. Isso, apesar do Sr. Manoel, filho de D. Alzira, naqueles dias possuir um pequeno restaurante na BR, próximo a Guarulhos. Oramos para que sua alma descansasse em paz e solicitamos ao coveiro que limpasse o local da sepultura. Posteriormente analisando toda situação que ocorreu, e a lembrança que o túmulo da falecida traria para a sua família, entendemos o motivo do afastamento. Mas ainda paira aquela pergunta: estaria o corpo dela realmente ali?

Fábio lembrou que na saída do cemitério ficava o IML de Guarulhos, local onde D. Alzira havia sido necropsiada e sugeriu que procurássemos nos informar sobre o paradeiro do médico legista Osmar Martins Cruz Junior. Apesar da sincronicidade dos fatos ocorridos até então, confesso que a princípio desconsiderei a possibilidade de encontrarmos o médico naquele dia, mas concordei com a tentativa, afinal já estávamos ali. Para nossa surpresa, o referido médico estava presente e era seu dia de plantão. Ressabiado com nossa presença, relutou compreensivelmente em nos ceder alguma

ormação. Ignorando que já estávamos de posse dos documentos e das fotografias do caso, em alguns momentos tentou nos convencer que sua hipótese do ataque de ratos era a única plausível. Demonstrando certa contradição testemunhada por mim e pelo amigo Fábio, por três vezes, o médico legista acrescentou em seu depoimento normal que apesar do que acreditava, também considerava o caso muito estranho, afirmando que nunca havia visto nada parecido.

Na verdade, como Fábio acrescenta:

“No início estava desconfiado, dizendo não se lembrar do caso... com muita segurança... com o passar da conversa, ele pôde notar a seriedade do trabalho que estávamos realizando, o que foi confirmado quando ele observou seu livro [*Olhos de Argão*] e disse: “Estou vendo que você é uma pessoa estudiosa”, confessando então sinceramente: “Lembro sim, o caso daquela senhora, inclusive quem foi buscá-la o Sr. X. (mandando chamá-lo na sequência)”.

Uma frase que considero importante:

“Existem casos que passam por aqui que a gente nunca esquece, e este, desta hora, é um deles.”

Dr. Osmar após ganharmos sua confiança.

Minha impressão até agora é de que ele realmente não tem muita certeza, não tem medo de se complicar profissionalmente, mas tinha uma imensa vontade de poder contribuir com o nosso trabalho.

Afirmou também que havia realizado particularmente várias fotografias durante a necropsia e que seus detalhes provavam o ataque de ratos. Foi nesse momento que ele me pediu para apresentar tais fotografias. Percebemos um sorriso maroto demonstrando que escondia alguma coisa. Desconversou momentaneamente dizendo que as referidas fotografias estariam em seu consultório particular em São Paulo onde exerce a profissão de Gastroenterologista. Pedi seu cartão para que pudéssemos entrar em contato futuramente.

Observei também que o médico legista, enquanto falava conosco, andava de um lado para outro levando a nós dois juntos. Quando estávamos próximos de seus colegas policiais ele vinha com a história dos ratos, quando nos distanciávamos deles, alegava o andamento do caso. Note também que em seu depoimento ele afirmou que tinha tirado muitas fotos de forma particular. Se o caso fosse comum, ou tivesse realmente como protagonistas roedores, dificilmente ele iria se interessar por fazê-las. Lembro também a frase recordada por Fábio: “Existem casos que passam por aqui que a gente nunca esquece, e este, desta senhora, é um deles”. Se fosse mais um caso de roedores que nunca o esquecer? Estava nítido e certo que ele temia por sua reputação como médico legista, mas também evidente que ele sentia uma necessidade muito grande de dividir seu estranhamento sobre o caso de Santa Isabel, principalmente para quem tinha algum conhecimento e interesse sobre ele, como era nosso caso.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO

DELEGACIA DE POLÍCIA

BOLETIM SOBRE OCORRÊNCIA DE AUTORIA DESCONHECIDA

222/99
41

N.º 1461/99

Natureza da ocorrência NOITE A ESOLAR BOM Data 24, 06, 99
Local Bairro do Itapetiti nº Cir. 3.I.
Hora da comunicação 10:00 Hora do fato Proj.

VITIMA ALZIRA MARIA DE JESUS

Doc. de Ident. n.º _____ Veio ao Plantão não

Pai Raimundo Soares de Jesus

Mãe Alexandrina Maria de Jesus

Cor brn. Idade 70 Est. Civil viúva Prof. apresentada

Nacionalidade braç. Natural de Campo Sales-CE

Residência Bairro do Itapetiti
(Rua, número, cidade, fone, condução)

Rua principal mais próxima _____

Local de trabalho idem à residência
(Rua, número, firma, cidade, bairro, fone, condução)

Foi internada? _____ Onde? _____

PARA OBSERVAÇÕES E HISTÓRICO USE O VERSO

TESTEMUNHAS

- 1) - Manoel Edvaldo da Silva - local dos fatos.
- 2) - Sonia Aparecida Rocha - local dos fatos.
- 3) - _____
- 4) - _____
- 5) - _____

PROVIDÊNCIAS TOMADAS PELA AUTORIDADE DE SERVIÇO

Requisitou a cooperação de outros policiais? sim

Quais? SIG e IO

Colheu provas ou indícios? _____ Descrevê-las. _____

Santa Isabel de Junho de 19 99

Elaborado por:

(Nome e cargo datilografados)

MARCOS GARCIA - ESCRIVÃO

(Assinatura da autoridade)

DR. JORGE VIDAL PEREIRA

FRENTE DO BOLETIM DE OCORRÊNCIA DO CASO SANTA ISABEL.
[ARQUIVO POLICIAL NO FÓRUM DE SANTA ISABEL, SP - ARQUIVO PÚBLICO]

RELATÓRIO

As 10:00 horas, esta Autoridade recebeu a notícia através da 1ª testemunha (Mancel), que sua genitora havia falecido, estava na cama, era do tipo, porém estava sem os olhos, sendo que esta Autoridade deslocou-se até o local e constatou-se que a vítima estava em posição, sem os olhos, sem a língua e sem os tecidos do rosto por completo, os seios, e a carne e musculatura do todo o rosto, ficando apenas a cabeça, não houve qualquer sinal de lesão ou violência no pescoço e no corpo cabeludo; esta Autoridade observou que a vítima encontrava-se em decubito dorsal trajando camiseta branca e não possuía qualquer vestígio de sujeira de tecido humano ou de sangue bem como restos de carne humana próximo ao corpo, ensejando assim que a violência no cadáver tivesse sido provocada por animal. Questionada os familiares a 2ª testemunha a Srta. Souza, informou que por volta das 01:00 horas, foi levar café para a vítima (sua sogra) e constatou que sua sogra estava morta, que fechou a casa e foi chamar o marido filho, da vítima, após uma hora retornou e constatou-se que o cadáver estava sem os olhos. Chamando de imediato este Delegado.

Esta Autoridade constatou que na porta da cozinha do imóvel existe uma pequena fenda por onde pode entrar um pequeno animal, contudo não daria para provocar o dano no rosto da vítima como provocou sem deixar vestígios. A vítima não apresentava qualquer outro tipo de violência, a não ser a do rosto. Constatou (Autoridade), que a roupa de cama estava normal. Outros dados observado que secção da garganta parece um corte cirúrgico bem como os músculos, dos olhos e da pele do rosto. Foi requisitada polícia técnica para o local e carro de cadáver para conduzir o corpo ao Instituto Médico Legal.



CP
d. 20
80 1463/99

DEPENDÊNCIA: SANTA ISABEL LAUDO N.º 1760/99
B. O. n.º 1463/99 Inq. Pol. n.º 222199. m. 4. Sta. Isabel, 02.
Remeter para _____
Cópia em atenção a _____

LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO
EXAME NECROSCÓPICO

Aos vinte e quatro dias de junho de mil novecentos e noventa e nove, nesta cidade de GUARULHOS.

a fim de atender a requisição do doutor Jorge Vidal Pereira Delegado de Polícia de Santa Isabel.....

os infra-assinados, doutores médicos-legistas do Instituto Médico-Legal, procederam ao exame de corpo de delito em ALZIRA MARIA DE JESUS:

para responder aos quesitos seguintes:

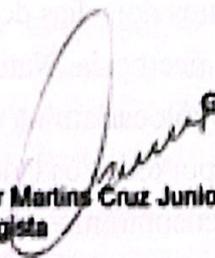
SANTA ISABEL
N.º de Ordem 556/99

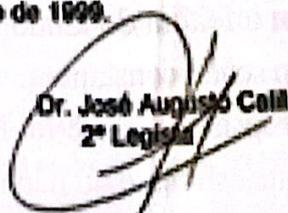
- Primeiro - Houve morte?
- Segundo - Qual a causa?
- Terceiro - Qual a natureza do agente, instrumento ou meio que a produziu?
- Quarto - Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio insidioso ou cruel? (Resposta especificada).

Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Examinamos e necropsiamos hoje no necrotério do Instituto Médico Legal de Guarulhos, um cadáver que nos foi indicado como sendo o de ALZIRA MARIA DE JESUS, com sessenta e nove anos de idade, aposentada, viúva, do sexo feminino de cor branca nacionalidade brasileira, natural Campos Sales/CE, filho (a) de Raimundo Pires de França e de Alexandrina Maria de Jesus, que residia à Bº Itapeti, Santa Isabel/SP. **HISTÓRICO:** Segundo consta, morte a esclarecer. **VESTES:** Edredon branco e vinho, calça de agasalho cinza claro e escura, camiseta cinza, blusa de moleton branca, fralda descartável, meias marron. **REALIDADE DA MORTE:** A morte evidenciava-se pelos clássicos sinais tanatológicos abióticos imediatos, como parada cardio respiratória, insensibilidade, imobilidade e abióticos consecutivos como midríase parolítica bilateral, rigidez caverica ausente e hipostases posteriores fixas. **EXAME EXTERNO:** Verificamos tratar-se de cadáver de adulto,, do sexo feminino, de cor branca, aparentando a idade mencionada, biotipo longilíneo, caquetico, cabelos lissotricos grisalhos, orelha direita presente e esquerda corroida, dentição ausente, genitalia externa sem alteração, região peri anal sem alteração, membros estendidos, com lesões em fase crostosa de 1,0 e 1,5 cm

no punho direito. Notamos ainda: ausência de pele na face, abrangendo as regiões frontal baixa acima do supercílio, regiões orbitárias, região nasal, região malar bilateral, região mandibular até a curva logo abaixo da mandíbula, ausência da orelha esquerda. Ausência de ambos os olhos, com exposição de ambas as cavidades ósseas orbitárias, ausência total de dentes e da língua anteriormente até seu terço médio. As bordas de pele encontravam-se irregulares e com presença de várias lesões boceladas, medindo entre 3 e 5 mm. Ausências de sinais de reação vital no bordo dessas lesões. Úlceras de pressão (Escaras) de grande extensão, abrangendo as regiões sacral e trocântica bilateral. Mancha verde abdominal. **EXAME INTERNO:** Após incisão bimastróide vertical, rebatidas as partes moles do couro cabeludo e músculos temporais, expusemos a calota craniana, onde observamos: ausência de sinais de traumatismos. Após abertura da cavidade craniana pela técnica de Griesinger observamos: cérebro com ausência de sinais de traumatismos e desvio cerebelar para direita antigo. Através de incisão mento pubiana, rebatidas as partes moles toraco-abdominais, e retirado o plastrão condro esternal, expusemos as duas cavidades, onde observamos: empiema pleural à direita e esquerda, condensação pulmonar bilateral com secreção purulenta aos cortes. Arteriosclerose coronariana. Manchas verdes escura na face inferior do fígado. **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:** Do visto e exposto concluímos que ALZIRA MARIA DE JESUS veio a falecer de Choque Séptico, devido a pneumonia bilateral e empiema pleural. Considerando-se que as bordas de pele eram irregulares e não apresentavam sinais de reação vital, bem como pelo aspecto das regiões malares e das cavidades orbitárias estarem raspadas com exposição do periosteio. Podemos afirmar que as lesões foram causadas pos-mortem e os sinais encontrados no cadáver são sugestivos da ação de animais predadores de pequeno porte. **RESPOSTAS AOS QUESITOS:** Ao primeiro, sim. Ao segundo, Choque Séptico - Pneumonia. Ao terceiro, agente biodinâmico patogênico. Ao quarto Prejudicado. Nada mais havendo a declarar, damos por encerrado o presente laudo.

Guardados 27 de junho de 1999.


Dr. Osmar Martins Cruz Junior
1º Legista


Dr. José Augusto Celli
2º Legista

Deixo claro ao leitor que dois delegados titulares ficaram responsáveis pela investigação do caso na cidade de Santa Isabel, e ambos estiveram no local no dia do incidente: Helcias Nogueira Paranaguá Filho, que em seus depoimentos afirmava serem extraterrestres ou fenômeno sobrenatural os responsáveis, e Jorge Vidal Pereira, mais cauteloso em suas afirmações, mas que, como veremos em seus depoimentos para a imprensa e na B.O. abaixo, bem como demais colegas de profissão, também estranhou muito o caso, não concordando inclusive com o resultado do parecer pericial feito pelos dois médicos legistas de Guarulhos.

Naturalmente é possível perceber que o escrivão ao preencher o boletim assinado pelo delegado, equivocou-se no horário de 1h, pois sabemos que o horário correto seria 8h, como consta no laudo. Ademais, o jornalista não costuma trabalhar na madrugada.

Com relação ao laudo (reproduzido nas páginas anteriores), recomendo ao leitor que pondere sobre as afirmações dos médicos com relação à **borda da pele irregular**. Perceba nas fotografias de D. Alzira no local do incidente, que fazem parte do laudo, que são cortes precisos ao redor do rosto, demonstrando ato cirúrgico, percebido *in loco* pelos delegados e os detetives de polícia que estiveram no local, cautelosamente ignorado pelos legistas. Não existe nenhuma evidência que aponte para roedores como responsáveis por esse ato de mutilação. A falta de sangue é o fator que mais chama a atenção, principalmente em relação às roupas, que pertenciam a falecida, de tons claros e às roupas de cama, tudo perfeitamente limpo, como consta no boletim de ocorrência e nas fotografias do laudo. Supor que roedores fossem os responsáveis por tal ato é, no mínimo, fora de cogitação, portanto, hipótese infundada. Outro fator que incomoda e levanta dúvidas com relação a esse laudo é a data em que foi feito. Percebam na matéria transcrita abaixo do *Jornal Agora*, de 26 de junho de 1999, que o enterro foi anunciado no **dia de ontem**, ou seja, dia 25. Se o enterro foi dia 25 e ela só foi enterrada em seguida à necropsia, como a data do laudo é dia 27? Temos dois dias de atraso para a entrega de um laudo que deveria ser feito em seguida à necropsia. Naturalmente os médicos **seguraram** a feitura do laudo **pensando** o que colocariam na causa da morte, visto que vinham sendo constantemente pressionados por todos os lados. Levaram dois dias após a necropsia para fazê-lo. Na verdade, não encontramos absolutamente ninguém da região que estivesse ou não envolvido com o caso, que concordasse com a opinião dos médicos legistas.

- IMPRENSA FALA SOBRE O CASO -

Além do programa televisivo já mencionado no início desse capítulo, vários jornais de São Paulo também anunciaram o estranho ocorrido com D. Alzira. Do boletim informativo trimestral do GEONI, Grupo de Estudos de Objetos Não

Identificados de São Paulo, sob responsabilidade do pesquisador Osmar de Freitas, extraí a seguinte manchete do *Diário Popular*, de 25 de junho de 1999:

Velhinha morre e o sumiço do rosto intriga Santa Isabel

A polícia de Santa Isabel, na Grande São Paulo, está diante de um dos maiores mistérios da história da cidade. Na manhã de ontem, a aposentada Alzira Maria de Jesus, de 70 anos, foi encontrada sem o rosto, dentro de casa, no bairro Itapeti. O corpo estava na cama. Ela teria ficado sem nenhum familiar por perto, no máximo, por uma hora e meia⁹⁸. Segundo o delegado titular Jorge Vidal Pereira, de 44 anos e 22 anos de profissão, esse é um dos casos mais intrigantes que investigou. “Seja lá o que tenha feito isso⁹⁹ não deixou nenhum tipo de resquício, marca de sangue, nada”, contou o delegado.

O jornaleiro Manoel Edvaldo da Silva de 39 anos, filho de Alzira, tem uma suspeita: a cadela Basset Dolly. “Apesar de não ter marcas e de todo o mistério, acredito que foi a cadela”, disse Manoel. “Na porta tem uma brecha por onde a Dolly entra na casa”, explicou¹⁰⁰. Ele também mantém no quintal um cachorro da raça Boxer. “O cachorro não deixaria nenhum outro animal entrar¹⁰¹”, comentou Manoel. O exame necrológico feito no IML de Guarulhos deu como motivos da morte pneumonia bilateral (nos pulmões) e choque séptico (infecção).

Delegado não achou vestígio de sangue

O jornaleiro procurou o delegado Vidal às 10h, o policial e sua equipe entraram na casa. “Tomei todos os cuidados para me certificar de que o corpo não foi colocado na cama”, disse Vidal. Para ele, Alzira não saiu da cama. “As cobertas não foram arrumadas. Estavam do jeito típico de que não foram mexidas”, comentou o delegado.

O mais intrigante é que não foram encontrados sinais de sangue ou qualquer outra secreção. “Ela usava uma camiseta branca. Nos lençóis nenhuma marca”, descreveu o delegado. Até mesmo os funcionários do IML ficaram surpreendidos.

Segundo José Cosme, de 35 anos e 8 anos de profissão, nunca testemunhou um caso tão misterioso. Surpresa compartilhada pelo companheiro de trabalho Antonio Aparecido Barbosa, de 37 anos e 5 anos nesse tipo de serviço. “Não dá para imaginar o que aconteceu”, disse Cosme.

O caso foi registrado como morte a esclarecer. O delegado determinou ao legista que fornecesse o que poderia ter feito aquilo no rosto de Alzira. “Cachorro, gente ou sei lá. Seja o que for¹⁰², eu quero saber quem fez isso na minha mãe”, desabafou a autônoma Francisca Diva da Silva, de 43 anos, filha da aposentada.

⁹⁸ Já sabemos que foram quase 60 min.

⁹⁹ Grifo do Autor.

¹⁰⁰ A mesma mencionada pelo delegado Helcias Nogueira Paranaguá Filho no Boletim de Ocorrência.

¹⁰¹ Pergunto-me se os dois cães de Manoel também não ladraram à noite, no mesmo horário em que os demais animais da região o fizeram.

¹⁰² Grifo do autor.

Do *Jornal Agora*, de 26 de junho de 1999, um dia depois, enviado pelo pesquisador Rodolfo Heltai (*in memoriam*), encontrei a seguinte matéria:

Mistério – Mulher fica sem rosto logo depois de morrer

Ratos podem ter arrancado a pele do rosto de uma mulher em Santa Isabel (Grande SP). A conclusão prévia foi apresentada pelo IML de Guarulhos.

A aposentada Alzira Maria de Jesus, 70 anos, morreu em casa, na quarta-feira, de insuficiência respiratória causada por uma infecção pulmonar. Alzira foi encontrada por sua nora, Sônia Rocha. Ela estava deitada e não respirava. Assustada, Sônia foi até um orelhão ligar para seu marido, Manoel da Silva, filho de Alzira. Os dois voltaram juntos para casa 40 minutos depois. “O corpo continuava na cama, mas o rosto estava desfigurado, como se alguém tivesse cortado toda a pele. Olhos, língua e nariz foram arrancados”, conta o delegado Jorge Vidal Pereira, titular de Santa Isabel. “E não havia marcas de sangue no local”. Segundo Vidal, o laudo preliminar aponta possível ação de roedores. “Mas ratos não conseguiriam arrancar a carne de um rosto sem deixar vestígios. E nem um ser humano faria cortes tão precisos em apenas 40 minutos”. O delegado ouvirá parentes e vizinhos na segunda-feira. O enterro aconteceu ontem.

Outro veículo de comunicação que informou sobre o caso foi a extinta revista paulista *89 Rock*, de junho de 1999. Em sua sessão Arquivo Zé, escrita pelo jornalista José Teixeira, destaca a matéria com a manchete: **Face Oculta**. Diferente dos demais, aqui o jornalista investigativo analisa as evidências e conclui junto ao leitor.

Face Oculta

Será possível que, em um prazo de uma hora, algum ser humano consiga, com precisão cirúrgica, recortar o rosto de uma mulher e retirar toda carne ao redor? Que também lhe arranque a cartilagem do nariz, língua, olhos e a orelha esquerda sem deixar vestígio algum, sem sangue, nem sujeira, apenas a face do crânio limpa, branca e reluzente e o resto intacto? Recentemente, investiguei um caso macabro e sinistro que relatarei a seguir.

Sem pele ou carne

Há algumas semanas, recebi um telefonema de meu grande amigo Roberto dos Reis, fotojornalista que, assim como eu, nutre um interesse especial pelo inexplicável. A dica: “Teixeira, vá a Santa Isabel, na Grande São Paulo, investigar um caso que está sendo considerado pela polícia local como um dos maiores mistérios da cidade”. Fui.

No dia 24 de junho deste ano, a aposentada Alzira Maria de Jesus, 70 anos, foi encontrada sem o rosto, dentro de casa, no bairro de Itapeti, em Santa Isabel. Segundo o delegado titular de Santa Isabel, Helcias Nogueira Paranaguá Filho, de 34 anos, dez de profissão, a face dela estava sem a pele e a carne. E o mais esquisito: totalmente limpa. “Não havia vestígio nenhum. Nem na cama ou no travesseiro. Além disso a blusa branca que usava não aparentava marcas, nada. É muito estranho”, afirmou o

delegado. “Descarto a hipótese de assassinato. Mas não o sobrenatural”, completou. A versão médica é questionada pela própria polícia e pelas partes envolvidas na história. “Em três anos que moro aqui, nunca vi um rato sequer”, contesta a nora. “Cheguei a pensar em ácido ou até uma coisa de **outro mundo**”, cogita. Já o delegado acha que a versão da perícia médica é cômoda. “Não acredito na versão dos roedores. Rato deixa marcas. O rosto dela parece ter sido cortado com a ajuda de um bisturi”, disse o delegado, que vai levar até as últimas consequências as investigações e pretende pedir opiniões de médicos e especialistas norte-americanos. “Se a nora encontrou a aposentada morta e depois saiu para telefonar, como se explica o fato de termos, horas depois, chegado ao local e encontrado o corpo dela **ainda quente?**”, questiona. Mais uma vez, as perguntas ficaram no ar. Quem teria cometido tamanha monstruosidade? Vingança? Experiência alienígena? Algum ritual macabro? Nunca poderei saber. A verdade sobre este caso foi coberta por terra vermelha batida e está na quadra B, conjunto 06, sepultura 26 de um cemitério simples, local onde agora descansa dona Alzira¹⁰³.

Na entrevista que fiz com o delegado Helcias Nogueira Paranaguá Filho em 31 de dezembro de 2002, ele acrescenta, reforça e contraria partes do depoimento acima:

A explicação lógica e óbvia pra eles [médicos legistas], para um ser humano normal, é essa do roedor. Se existiu algo estranho, uma anormalidade, isso aí que, não sei, a gente nunca vai saber. Pra mim é um caso muito misterioso, mas dei por concluído o inquérito, devido ao laudo, mandei para o poder judiciário e dei o caso por encerrado. Não cabe a nós também ficar investigando... uma coisa que já investigamos, foi tudo periciado, foi tudo feito, ouvidas as testemunhas que deveriam ser ouvidas.

Vale salientar que, na época, o delegado chegou a ouvir as pessoas assustadas perguntando se não teria algum chupa-cabras por lá. O delegado estava bem informado, pois adiantou aos mais incautos e apressados que o chupa-cabras deixa pistas¹⁰⁴.

- O MISTÉRIO AUMENTA -

Interessante observar que a nora ao encontrar sua sogra falecida, ou seja, às 8h10min, constatou e afirmou que a moribunda estava dura, não se mexia e estava **fria**. Daí, concluiu que ela havia morrido. Já o depoimento cedido ao jornalista José Teixeira (matéria acima) do delegado Helcias, que também esteve no local às 10h, observou que foi: “encontrado o corpo dela ainda **quente?**”¹⁰⁵. Como isso é

¹⁰³ Grifos do autor.

¹⁰⁴ Como pode ser evidenciado no já mencionado livro *Olhos de Dragão: reflexões para uma nova realidade*.

¹⁰⁵ Grifos do autor.

possível? O *rigor mortis* já havia começado, ela deveria continuar fria e não quente como confirmou o delegado. Adiantando um pouco outro caso que será abordado no último capítulo, observo ao leitor que radiação beta costuma queimar o corpo e nesse caso deixá-lo quente. Alzira não chegou a ter marcas de queimadura, mas que garantia temos de que ela não apresentava algum indício de radiação? Como já disse anteriormente, nossa polícia não está preparada para enfrentar tais situações. Não estão munidos, como alguns pesquisadores do insólito, com contadores *geiger* para checar todo tipo de evidência, até aquelas invisíveis à percepção humana. Pistas que escapam aos mais desavisados, por não estudarem o fenômeno e por não serem preparados para tal. Ao mesmo tempo correm riscos de serem contaminados, pois inadvertidamente manipulam os contaminados.

Outro ponto é sobre a hipótese oficial escolhida pelo médico legista para o preenchimento do laudo quando se refere a roedores, que fere a inteligência de todo mundo, das vítimas, dos policiais, dos pesquisadores como eu e imagino também do leitor! Ora, como ratos entram no lugar, comem o rosto da falecida, limpam asépticamente toda a região afetada e em seguida vão embora, sem deixar um único vestígio, uma única pista? E notem que ela estava vestida de BRANCO. Seu travesseiro rosa claro e sua roupa de cama também era clara em tom rosa e não apresentavam qualquer vestígio ou marca de sangue.

Por outro lado, lembre-se que os médicos legistas vinham sendo pressionados pela imprensa e pelos dois delegados a firmarem logo um resultado. Se afirmassem no laudo **desconhecido**, estariam corroborando com as alegações infundadas (pelo menos para eles) de que aliens ou assombrações seriam os responsáveis por aquela mutilação humana, como vinha alegando um dos delegados. Do ponto de vista deles, também estariam arriscando suas carreiras, pois não saberiam como seus superiores agiriam com o resultado. O mais cômodo e fácil seria acusar rapidamente roedores, para encerrar logo aquela história e livrarem-se do problema, o que foi feito.

- HIPÓTESES PARA O OCORRIDO -

Baseado nas evidências encontradas até aqui, pesquisa das duas investigadoras mencionadas, laudo, boletim, depoimentos, entrevistas e fotografias, podemos **supor** que o que aconteceu poderia ter ocorrido da seguinte maneira: D. Alzira estava muito doente e sua nora cuidava dela. Notando sua piora de saúde, solicitou a seu marido, filho de Alzira, que a levasse a um médico, pois estava preocupada com a piora de saúde de sua sogra. Ele concordou, mas admitiu que só a levaria no fim do expediente do dia seguinte. Enquanto a família dormia, por volta de 1h todos os cães da região começaram a uivar e os gansos a gritar, como que incomodados

com alguma *presença*. Para se locomover ou permanecer invisível, essa *presença* estaria produzindo um sinal de ultrassom (som de alta frequência), ou similar, que incomodava a audição sensível dos animais da região, mas não era ouvida pelos humanos que pernoitavam tranquilamente em seus leitos. A *presença* ficou observando e aguardou até 2h10min, quando D. Alzira veio a falecer de choque séptico devido a uma pneumonia que a acompanhava há algum tempo. (Neste ponto também temos a hipótese da pesquisadora Rosely Vaz Lima, de que a *presença* sabendo de sua pretensa morte acelerou o processo matando-a com algum tipo de energia que também poderia ter gerado o calor e conseqüentemente, algum tipo de radiação). Sem saber de seu falecimento e pensando que sua mãe ainda dormia, Manoel saiu para trabalhar e por volta de 8h10min, Sonia trazia o café da manhã até a cama quando verificou que sua sogra havia falecido. Constatou inclusive que ela estava fria como um cadáver. Ato contínuo trancou a casa e, junto com sua filha, saiu para telefonar e tomar as providências. No caminho, passaram em frente à mercearia do Paulão para usar o orelhão. A *presença*, conhecendo o comportamento humano, aproveitou a oportunidade para executar uma ação, que durou pelo menos 20 minutos. Operou o rosto da moribunda retirando cautelosamente sua pele, seus músculos faciais, uma de suas orelhas, seu nariz, sua língua e seus globos oculares. Para usar sua técnica, acionou um equipamento que agia rápido e que utilizava um tipo de energia que gerava radiação esquentando o corpo do paciente enquanto trabalhava. Após a extração cirúrgica e asséptica, apanhou todo seu equipamento e os órgãos removidos e retirou-se do local da mesma forma que havia surgido. Assim, exatamente às 8h30min a *presença* desapareceu, trazendo a tranquilidade que os cães e gansos apreciam. A paz retornou ao lugar até aproximadamente 9h30min quando chegou seu filho com sua família para se espantarem com o ocorrido. Manoel, ainda horrorizado, saiu correndo a desabafar com o Paulão da mercearia, que após tomar conhecimento do fato telefonou com seu celular para a polícia. Às 10h chegou o delegado com alguns agentes da polícia civil de Santa Isabel e verificaram que o cadáver, além de sua estranheza, encontrava-se ainda quente, não condizendo com um moribundo normal. O restante da história você, leitor, já conhece.

- O CASO DA GAROTA DESFIGURADA -

Em 2000, um ano depois do caso da Santa Isabel, mais precisamente em 9 de setembro, outro caso estranho de uma mulher sem o rosto surgiu na imprensa e me chamou a atenção, justamente pelo depoimento de um médico legista, Arnaldo Tadeu Poço, convidado do programa *Cidade Alerta*, de 15 de julho de 2004. Segundo ele, após ter acesso ao laudo do caso, a modelo Alessandra Aparecida Dequeiro Martins,

de 22 anos, evangélica, teria sido amarrada com as mãos para trás, morta em um local e depois depositada em um terreno baldio na zona sul de São Paulo, próximo ao Colégio Pentágono e ao Shopping Center Jardim Sul. Ele imagina que posteriormente roedores atacaram o rosto dela alimentando-se de seus órgãos nobres, que nesse caso seriam: a pele do rosto, sua musculatura, os olhos, as orelhas, o nariz, boca, língua e a traqueia. Alessandra foi identificada por meio de impressões digitais.

Como D. Alzira, Alessandra apresentava cortes cirúrgicos e estava totalmente sem sangue nos ferimentos, o que espantou inclusive o apresentador do programa, Marcelo Rezende.

Visto que tive dificuldades para conseguir a documentação deste caso, e o mesmo ocorreu com Rosely Vaz quando tentou consegui-lo, me basearei nas informações do programa *Cidade Alerta*, de 26 de março e de 15 de julho de 2004, somadas aos jornais da época para fazer um levantamento da história.

Alessandra saiu do local de seu trabalho na hora do almoço para uma entrevista em um novo emprego na área de telemarketing, dica de um rapaz conhecido como “Galego”, que conheceu em uma lotação. Loiro de olhos claros, cabelo arrepiado e de cavanhaque, convenceu Alessandra a participar de uma entrevista para uma vaga de telemarketing. Ligou para ela de um orelhão de Santo Amaro.

A mãe de Alessandra, D. Francisca, que falou com a filha pela última vez ao telefone naquele dia, acredita em uma emboscada feita por uma quadrilha especializada em tráfico de órgãos: “Eu não sei assim se foi um transplante de pele, porque foi retirado com muito cuidado, sabe... muito perfeito, né? (...) feito com bisturi, sabia o que estava fazendo”. Com exceção do rosto o corpo de Alessandra estava intacto, não foi abusada sexualmente, não levou facada, nem tiro. O primeiro suspeito foi o noivo Ivan, que foi ouvido pela polícia, mas nada foi provado contra ele. E Ivan não era o único suspeito, todas as pessoas do convívio familiar e do trabalho dela foram interrogados e nada encontraram.

O delegado que cuidou da investigação foi Carlos Alberto Sato, da 1ª delegacia de homicídios do DHPP (Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa) de São Paulo. Ele afirmou ao ser entrevistado, que durante toda sua carreira nunca viu um caso igual.

“Temos três equipes, com nove homens, trabalhando nas investigações nas ruas. Mas não tenho idéia de que tipo de crime é este. Tem muita gente louca por aí.”
(*Folha de São Paulo*, 11 set. 2000).

Acho que é um caso especial, chocante, mas nós temos que dividir isso em duas fases bem distintas: primeiro a morte da menina, pelo que pudemos ver no laudo que tivemos acesso provavelmente ela já estaria morta. Segundo, o fato de estar faltando partes da estrutura anatômica pode ter sido ocorrido por uma ação de fauna cadavérica, a falta de olhos, de órgãos, são órgãos nobres e quem está acostumado

a fazer exames em cadáveres em estado de putrefação e estado avançado, vê que a fauna é constituída de ratos, cachorros, urubus e outras coisas e esses animais têm predileção de início para essas partes. Tanto é que dá a impressão que foi arrancado por mordida. A *causa mortis* está indeterminada e isso disponibiliza a pensarmos em uma série de coisas. Dificilmente seria um ritual satânico, pois falta aquela ritualidade da magia negra¹⁰⁶, eu diria que falar em ritual seria uma conclusão exorbitada. Indica sinais de morte por asfixia, um fenômeno de estrangulamento ou de sufocação, alguma coisa que, rotular seria precipitado (Araldo Tadeu Poço, médico legista).

Como bem lembra o apresentador do programa, bichos não arrancam a traqueia, não cortam de forma retilínea nem colocam o couro cabeludo para trás. O irmão dela, Ailton, que viu o corpo no IML, declarou que o cabelo estava normal e que apesar do rosto desfigurado a roupa estava limpa. De acordo com ele, o IML tinha passado informações de que o fato tinha acontecido recentemente, que o corpo dela ainda estava morno, não estava gelado. Ela usava uma camisa branca com a propaganda sobre a campanha contra o câncer de mama, ou seja, uma camiseta BRANCA limpa exatamente como no caso Santa Isabel. “Parecia uma coisa técnica, bem feita, limpa”. Quando a polícia chegou ao lugar, não viram qualquer tipo de animal espreitando o corpo da jovem.

Encontrei uma matéria jornalística da época do *Estado de São Paulo*, que também descreve o caso:

Sábado, 16.09.2000

Mulher desfigurada vira mistério para polícia de SP.

Jovem foi achada morta sem olhos, boca, orelhas e nariz; cortes pareciam feitos com navalha.

Marcelo Godoy

Alessandra Aparecida Dequeiro Martins, de 22 anos, foi encontrada morta sem o rosto. Cortes retilíneos, como se tivessem sido feitos com navalha, retiraram-lhe os olhos, a boca, as orelhas, o nariz e a traqueia. O couro cabeludo estava jogado para trás da cabeça, o que expunha totalmente o crânio. A cena encontrada pelos policiais é hoje um dos mistérios investigados pelo Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). Os investigadores querem saber se foi o assassino que desfigurou o rosto da vítima ou se o ferimento foi feito por ratos e cachorros. Por enquanto, os peritos criminais e os médicos-legistas que viram o corpo praticamente descartaram a possibilidade de o rosto da vítima ter sido desfigurado por mordidas de animais. Isso porque os cortes na face são simétricos e retilíneos. A carne não foi dilacerada e sim cortada. [Lembra consideravelmente o caso anterior]. Isso causou alarme na polícia, que passou a procurar em toda a região e nos municípios vizinhos algum outro caso semelhante. Nada igual foi achado. [E Santa Isabel?]. O que mais se assemelhou foi uma morte em Taboão da Serra, no ano passado [1999], cujo rosto

¹⁰⁶ Saiba mais sobre rituais no quarto capítulo, *Caso Olívio Corrêa*.

do morto estava dilacerado por mordidas. O delegado Marcelo Guedes Damas, da equipe H-Sul do DHPP, prefere ser cauteloso a respeito da desfiguração do rosto de Alessandra. “É preciso esperar o laudo do Instituto Médico-Legal (IML) para saber o que aconteceu”.

Desaparecida

A vítima desapareceu na sexta-feira da semana passada [dia 8 de setembro] após sair de casa pela manhã. Alessandra, que morava com os pais, disse que ia fazer uma entrevista para um emprego novo. No dia seguinte, seu corpo foi achado em um matagal da Rua Manoel Pinto, no Portal do Morumbi, zona oeste de São Paulo. O local é uma rua de terra perto de um lixão – daí a possibilidade de o corpo ter sido mordido por ratos. Alessandra estava com as mãos amarradas para trás e, embaixo do corpo, havia um frasco do perfume que ela usava. Não havia sangue no chão, o que pode indicar que ela foi morta em outro local. Ao seu lado, havia um poste de iluminação pública cuja lâmpada estava queimada. Os policiais levaram o perfume da vítima até a casa da família e ele foi reconhecido pelo irmão, o técnico em eletrônica Airton Dequeiro Martins, de 31 anos. Depois, a identificação foi confirmada pelas impressões digitais. O delegado Damas que está presidindo o inquérito do caso, afirmou que até agora ninguém soube informar onde era a entrevista que Alessandra ia fazer. O DHPP está ouvindo familiares da vítima e amigos para saber se ela contou para alguém quem a havia convidado para aquele emprego. Além da análise dos ferimentos, a polícia pediu ao IML exames que determinem se a vítima foi violentada e para saber se existem resíduos de drogas no corpo.

Um fato interessante nessa matéria é a polícia afirmar que procurou casos semelhantes e não encontrou nenhum na região de São Paulo e cidades vizinhas, quando o Caso Santa Isabel, muito similar tinha ocorrido exatamente um ano antes e também tinha sido constantemente divulgado pela mídia! Isso nos leva a pensar que a polícia teria encontrado o caso, mas justamente por ser similar e não ter sido solucionado a contento, levantaria ainda mais mistérios entre a população, justamente o que eles tentavam evitar, como já percebemos. Não existe possibilidade de explicar o desconhecido sem estudá-lo. Só assim se está preparado para enfrentá-lo. Negá-lo, apenas aumenta ainda mais o mistério.

Também é interessante observar que o apresentador Marcelo Rezende, quando mostrou o caso em seu programa, insistiu em dizer que investigações policiais são realizadas a partir de hipóteses, mas que não aceitava em hipótese alguma ideias relacionadas com extraterrestres. O problema é que se descarta essa possibilidade, muitas vezes, como estamos evidenciando neste livro, os casos realmente ficam sem solução. Se a evidência aponta nesse sentido, por que negá-la? Sem querer ofender o apresentador, penso que a resposta a essa pergunta seja apenas por puro preconceito, desinformação e possivelmente ignorância com relação à temática. Posteriormente soube que ele havia convidado dois ufólogos paulistas para comparecerem a seu programa naquele mesmo dia e ambos declinaram do convite. São eles, Claudeir Covo

e Mário Rangel. Conversando com Mario Rangel soube que por conta da afirmativa da menina estar amarrada com os braços para trás com uma corda em suas mãos, ele aceitava a hipótese da polícia de que se tratava de um caso bem humano e que nada apontava para indícios alienígenas. Dessa forma, achou desnecessário alimentar o assunto, visto que concordava com a hipótese policial. Imagino que o pesquisador Claudeir Covo deva ter seguido o mesmo raciocínio. O problema é que até aquela data o caso estava indeterminado e o fato dela estar amarrada pode significar outra coisa como veremos a seguir.

- HIPÓTESE PARA O CASO -

Levando em consideração que ambos os casos são similares em vários aspectos é possível especular que Alessandra, como a polícia alegou, foi jogada no local já morta, e amarrada com as mãos para trás. Abandonaram seu corpo no terreno baldio sabendo que iria ser encontrada, pois se encontrava próximo ao portão do Colégio Pentágono e do Shopping. Eventualmente algum aluno do colégio acabaria encontrando seu corpo e avisaria a polícia. Até aqui sim, um caso de homicídio. Um corpo falecido largado. Nesse ínterim, a *presença* surgiu da mesma forma que no caso Santa Isabel e fez seu trabalho de extração dos órgãos que lhe interessavam. Como não existiam pessoas passando na madrugada, houve tempo suficiente para extrair cirurgicamente os mesmos órgãos nobres que retirou de D. Alzira Maria de Jesus, e um tempo extra para retirar a traqueia do cadáver da garota. Usando a mesma técnica deixou seu corpo que se encontrava frio, quente, o que foi constatado pela perícia ao recolher o corpo do local. Novamente, não averiguaram se existia algum tipo de radiação no local, porque a polícia normalmente não espera nos casos de crime “normais” que investiga encontrar vestígios invisíveis. Não é comum corpos mortos estarem quentes quando encontrados pela polícia horas após o óbito. Só este fato, já deveria deixar qualquer um perplexo, visto que dificilmente se encaixa em explicações terrestres e ignorar essa evidência mesmo que “estranha”, não ajudará em nada na solução da investigação.

Essas similaridades entre os casos apontam para um fenômeno incomum que denominei aqui de *presença*. Essa *presença* poderia ser um fenômeno ufológico, um fenômeno dimensional, como acredita Jacques Vallée, ou mesmo *a coisa*, que Natália Dyakonova e Philippe Kling David, descrevem no próximo capítulo.

Essas hipóteses conseguem sustentar até aqui a maioria das evidências, senão todas encontradas nesses casos, ou seja, as peças se encaixam.